



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6566 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT06 - Educação Popular

AS EDUCADORAS POPULARES DA PASTORAL DA CRIANÇA: SABERES ENTRELAÇADOS POR TRAJETÓRIAS DE VIDA

Leyla Menezes de Santana - UNIT - Universidade Tiradentes

Marizete Lucini - UFS - Universidade Federal de Sergipe

AS EDUCADORAS POPULARES DA PASTORAL DA CRIANÇA: SABERES ENTRELAÇADOS POR TRAJETÓRIAS DE VIDA

1. NOTAS INTRODUTÓRIAS DA CONSTRUÇÃO TEÓRICA-METODOLÓGICA DA PESQUISA

Neste texto objetivamos apresentar, em linhas gerais, o caminho percorrido e os resultados alcançados na pesquisa intitulada “Trajetórias de Educadoras Populares” desenvolvida no âmbito doutoral e em fase conclusiva. Nela buscamos compreender o processo do tornar-se educadora popular, através da análise das trajetórias narradas por mulheres que atuaram no Projeto Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Pastoral da Criança (PdC), no período de 1993 a 2017, no Estado de Sergipe.

Nesta investigação, concebida nas fronteiras comunitárias, analisamos os itinerários de vidas de seis mulheres a partir de uma prática educativa popular considerada de base crítico-libertadora. Num processo permeado por engajamentos comunitários proporcionados, principalmente, pela Pastoral da Criança[1], através do Projeto EJA, essas mulheres se entregaram à força propulsora da educação e tornaram-se educadoras, comprometendo-se em alfabetizar pessoas adultas pertencentes às suas comunidades e desejosas de aprender a ler e escrever.

A problemática esteve circunscrita na seguinte questão: Como “me tornei” educadora popular? A singularidade da pergunta atribui um valor subjetivo à resposta, pois a questão foi respondida a partir do ponto de vista de cada educadora, por meio das experiências vivenciadas ao longo das suas trajetórias. Assim, desconsideramos formulações de hipóteses sujeitas a verificação e dialogamos com a força dos saberes, dos signos, das expressões, dos ditos e não ditos experienciados a partir das vivências comunitárias dessas mulheres.

Construir o encontro com essas educadoras, residentes em comunidades dos municípios sergipanos de Lagarto e Ilha das Flores foi o movimento que demarcou esta pesquisa. Nomeado metodologicamente de *entre-encontro*, este movimento foi subdividido em três: entre-escuta (EsC), escrita de si (EdS) e roda de conversa (RdC) e apoiou-se nos pressupostos metodológicos da Fenomenologia Hermenêutica (MASINI, 2010) como método de abordagem e da História Oral, como método procedimental, de modo a “lançar a vida para dentro da própria história.” (THOMPSON, 1992, p. 44).

Teoricamente, nos ancoramos em eixos conceituais que colaboraram no desenho analítico desta pesquisa. No eixo trajetória dialogamos com os conceitos de memória, a partir de conexões teóricas com o sociólogo Maurice Halbwachs (1990) e a psicóloga social Ecléa Bosi (1994) e no campo da experiência com o filósofo e pedagogo Jorge Larrosa (2018). No eixo da Educação Popular, posto em evidência a partir da evocação das experiências educativas narradas pelas educadoras, dialogamos com os pressupostos da Educação Libertadora de Paulo Freire (2017). As discussões em torno deste eixo deram lugar às práticas educativas que, de forma diversa e insurgente, movimentaram e afetaram as margens comunitárias.

Da imersão analítica nas narrativas resultaram quatro eixos fundantes que responderam como essas mulheres tornaram-se educadoras populares: pela provocação (1) que resultou no educar como missão, pedagogicamente conduzida pela mística do ensinar e do aprender (2), circunscrita aos pertencimentos comunitários (3) e atravessada pelas experiências com a Pastoral da Criança (4). Assim, o caminho metodológico da pesquisa juntamente com os cruzamentos teóricos e a sistematização desses quatro eixos fundantes compõem este breve texto/resumo.

2. DETALHES DO TORNAR-SE EDUCADORA POPULAR

No movimento metodológico do *entre-encontro*, importou escutar sensivelmente (BARBIER, 2002) àquelas que se tornaram educadoras no processo vivido, que dissessem das suas experiências, dos seus fazerem-se e refazerem-se diante de saberes outros para além do já sabido. O “entre” neste “encontro” é uma abertura ao estar dentro, no interior do convívio, juntas nesse *entre-encontro* fazendo descobertas, mas também coabitando. Então, criamos o *entre-encontro* por acreditarmos que a palavra “encontro”, como expressão de confluência, não era suficiente para explicar a experiência do estar no encontro, do sermos uma neste encontro, estando entre elas, com elas. “São inúmeras as possibilidades de inventar, de perceber, de pensar, de sentir, de investigar. Entre tantas, a nossa é a opção pelo encontro.” (DORNELES; ARENHALDT, 2016, p. 29).

Pormenorizando os três movimentos do *entre-encontro*, podemos destacar que o primeiro intitulado “entre-escuta” se moveu na pesquisa pelo caminho da escuta sensível, por isso “entre-escuta” e não “entre-vista”. O “entre”, como já dissemos, significa o estar dentro, entre elas. Assim, o que traçamos neste movimento foi uma conversa mobilizada não somente pela “vista”, mas, sobretudo, pela escuta, pelo estar na escuta. A entre-escuta foi guiada por um documento orientador contendo sete eixos temáticos, dentro de uma estrutura de perguntas para o intercâmbio de escutas.

O segundo movimento foi a “escrita de si” no qual as educadoras foram convidadas a elaborar uma escrita a partir da seguinte provocação: “O que é que ainda não perguntei e lhe parece importante para compreender a seguinte questão: Como me tornei Educadora

Popular?”. Já o terceiro movimento consistiu na “roda de conversa” com as seis educadoras. Nesta roda as narrativas orais foram socializadas através de versos e expressões plásticas, pois a construção de toda e qualquer imagem é uma lembrança que solta à memória por meio da “consciência atual.” (BOSI, 1994, p. 55).

Esta opção-construção do encontro sem pressa e movida pela escuta começou de porta em porta, de casa em casa[2]. Chegamos às seis educadoras por indicação, de modo semelhante à amostragem *bola de neve*, onde o pesquisador vai “[...] de um caso a outro, perguntando aos entrevistados por outras pessoas que possam ser relevantes ao estudo.” (FLICK, 2009, p. 47). A realização da primeira entre-escuta para validação do documento orientador nos conduziu à segunda educadora. Assim, da primeira à última, escutamos indicações espontâneas e pautamos os limites da amostra por critérios de saturação. Quando o vasto repertório de dados produzidos atingiu o número de seis narrativas, notamos que essas já colaborariam sobremaneira na resposta à problemática da pesquisa.

Cada movimento metodológico desta pesquisa produziu frutos, cada um a sua medida e em igual relevância, de modo que a junção dos recortes narrativos e a triangulação do que foi dito nas entre-escutas, o que foi escrito e o que foi vivenciado na roda de conversa, resultaram nos eixos fundantes como marcas situadas nas trajetórias individuais e esses foram encadeados às reflexões teóricas sobre memória e experiência. Para Ecléa Bosi “a narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória.” (1994, p. 68) e esta é “[...] uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifesta-se já bem alterada” (HALBWACHS, 1990, p. 71).

Ao tocarmos as trajetórias das educadoras nos ancoramos no par experiência/sentido, eixo existencial e estético para pensar a educação praticada pelas mulheres: “se a experiência é o que nos acontece, o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece.” (LARROSA, 2018, p. 32). Higienizamos a palavra experiência, tirando-a das armadilhas que a desprezam e tornando-a mais livre, mais autônoma e menos normatizada, vinculando-a ao real dito pelas educadoras.

Identificamos nas memórias e experiências das mulheres vinculações entre os campos da Educação Popular e da Educação Libertadora de Paulo Freire. Reatualizamos estes campos a partir das correlações entre a prática educativa desenvolvida pelas educadoras e seus pressupostos orientadores. A educadora Vera Maria ao escrever sua trajetória, disse que esta foi marcada pela *“paixão pela comunidade e pelo conhecimento.”* (EdS, 2018, p. 1), fazendo remissão à função divulgadora e recriadora de conhecimentos da Educação Popular (PELOSO, 2012). Só se divulga e recria o que se conhece, o que se experimenta, o que se apaixonava. A Educação Popular é praticada no campo das implicações e estas são resultantes dos engajamentos coletivos. Seu maior desafio é “[...] reverter, no mistério do saber coletivo, o sentido da palavra e o seu poder” (BRANDÃO, 2006, p. 2).

A experiência das educadoras, que estando em formação se colocam em ação, demarca o lugar desta experiência desde às comunidades, o que se alinha ao pensamento pedagógico libertador. “[...] *Achei interessante o método de Paulo Freire, tão diferente do convencional [...] onde ele ressalta que para “Eva ver a uva ela precisa saber de onde veio e como foi plantada”.* (Denise Souza, EdS, 2019, p. 2).

Comunicamos que das trajetórias de Mônica Silva, Lúcia Nascimento, Vera Maria, Ana Bispo, Denise Souza e Rosa Batista[3] um portfólio de conhecimento foi produzido sob o impulso da força transformadora da educação e da progressiva integração das experiências dessas mulheres detentoras de dizeres e de fazeres. Mulheres que nas suas individualidades

demonstraram o quanto as suas ascendências possuíam a matéria da coletividade, pois anunciaram que a feitura de cada uma enquanto educadora sempre esteve intimamente conectada à feitura de todas.

Do movimento analítico dos tecidos narrativos e sob o abrigo do nosso olhar limitado, emergiram quatro eixos fundantes que deram sentido, sobretudo, ao processo de como essas mulheres tornaram-se educadoras.: **provoca-ação (1)**, **mística do ensinar (2)**, **pertencimento comunitário (3)** e **as experiências com a Pastoral da Criança (4)**. Vamos explicitá-los tecendo algumas inferências interpretativas, pois pousar o olhar sobre as trajetórias destas mulheres é “[...] permitir que a realidade apareça como tal. Ver, fazer ver. Descrever, metaforizar o plural das formas” (MEFFESOLI, 2007, p. 184) de modo que seja possível apreender a ênfase da experiência vivida por cada educadora.

O primeiro eixo foi marcado pelas categorias religiosas missão/vocação. Para as mulheres a gênese do tornar-se educadora estava agregada à missão enquanto compromisso assumido com a comunidade. De forte inserção religiosa, as educadoras citaram como, pelas vias da Pastoral da Criança, disseram sim à **provoca-ação (1)** da comunidade. Consideramos que o composto da palavra provoca-ação expressou a vivência da missão/vocação: em se tratando de ter a vocação foi preciso fazer cumprir a missão. Para isso, a comunidade incitou e provocou, a ponto de converter o desejo em ação. *“Esse trabalho tá muito ligado a missão”*, afirmou a educadora Lúcia Nascimento (2018) na entre-escuta. Para além da ação provocada pela missão, a educadora Ana Bispo ampliou a perspectiva e colocou-a como integração da vida, sacralizando-a como divina: *“[...] tudo na minha vida eu abraço como missão. Uma missão divina.”* (Ana Bispo, EsC, 2018, p. 4).

Constatamos entre as educadoras experiências que ultrapassavam a materialidade pedagógica convencional e refletiam um modo próprio de fazer e manter a dinâmica do ensinar e do aprender. Esse modo foi denominado por uma educadora de **mística do ensinar (2)** que acrescido do verbo aprender configurou-se no segundo eixo. *“Eu sempre via que a Pastoral da Criança tinha um foco, o de criar laços, de estabelecer afetos. Até os temas que nós trabalhávamos conduzia para a vida, para a alimentação, para a educação, para a família.* (Ana Bispo, RdC, 2019, p. 13). A mística do ensinar (e do aprender) experimentada no cotidiano da PdC teceu o processo do fazer-se educadora porque gerava interesse, criava laços e nutria afetos. As educadoras destacaram que a principal diferença entre a estratégia de alfabetização da PdC e a estatal^[4] era a mística: *“[...] era muito gratificante trabalhar com a Pastoral, depois que passou a ser pelo governo em parceria com a Pastoral, a gente perdeu um pouco o estímulo, a mística do ensinar.* (Mônica Silva, RdC, 2019, p. 12). A mística ultrapassava a perspectiva celebrativa e, em contato com a vida, ela tanto preenchia a prática de alfabetização quanto alimentava o ânimo de educadoras e educandas/os.

O terceiro eixo fundante vinculou-se ao **pertencimento comunitário (3)**. As trajetórias das educadoras estavam seladas pelo pertencer à comunidade pela tríade: adesão, formação e legitimação. As educadoras aderiram por pertencerem e conhecerem as fissuras sociais das suas comunidades. Junto com a adesão vieram os processos formativos implementados pela PdC. A dimensão da formação recebeu destaque nas trajetórias, pois a dinâmica formativa vivenciada serviu, mais adiante, como porta de acesso à profissionalização. No processo do tornar-se educadora, a equação do pertencimento comunitário era simples: a comunidade que convida, forma e legitima. *“Para ser uma educadora é necessário se identificar com a ação. A gente também precisa se identificar com a comunidade. [...] Quem vive em comunidade, sempre tem alguma coisa para fazer.”* (Rosa Batista, EsC, 2019, p. 6).

O último eixo fundante convergiu no sentido de complementar o eixo anterior: eu me

tornei educadora com as **experiências da Pastoral da Criança (4)**, de modo a alinhavar-se nesse eixo a perspectiva de um tecer-se pela experiência pastoral. Os depoimentos das educadoras confluíam para um processo comum de formação, vivenciado por todas, seja pela presença contínua das demais educadoras, seja pela presença de outras mulheres pertencentes à PdC. *“Participar da Pastoral da Criança me trouxe experiência, mudou a minha vida e mudou e muito, porque eu participo das atividades, dos encontros.”* (Denise Souza, EsC, 2019, p. 2-3).

Ao citarem o movimento coletivo, as educadoras destacaram as estratégias formativas da Pastoral da Criança: encontros, formações e reuniões para avaliação e planejamentos. Essas estratégias foram delineando mútuos processos, com amizades recíprocas e solidariedade comum. O tornar-se pela experiência com a PdC estreitou-se pela dialogicidade dos corpos conscientes (FREIRE, 2017) que trouxeram à superfície experiências plurais de si, dos/as educandas/os, das mães, das famílias e também das próprias educadoras. Corpos encontrados que celebraram as conquistas, individuais e comunitárias. Corpos marcados pelo inédito-viável (FREIRE, 2017), simbolizados pelo desejo de querer permanecer no processo de estar sendo educadora popular, pelo corpo formativo da Pastoral da Criança.

3. CONSIDERAÇÕES DO TORNAR-SE EDUCADORA POPULAR

Consideramos que a tessitura do tornar-se educadora perpassou a provoca-ção comunitária, nascida no despertar da missão/vocação que mobilizou essas seis mulheres no compromisso de alfabetizar pessoas adultas que pertenciam às suas comunidades e que estavam em situação de analfabetismo. Pelas vias de uma pedagogia nutrida pela mística do ensinar (e do aprender) que, em contato com a vida, preencheu e alimentou as práticas educativas fincadas no cotidiano da Educação Popular, essas mulheres foram atravessadas pelo pertencimento comunitário através da tríade adesão, formação e legitimação, fundamentada nas experiências com a Pastoral da Criança, cuja dinâmica formativa repousava nos princípios da comunhão e da solidariedade e se delineava nos processos de aprendizagens mútuas e inacabadas.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Rosa. **Entre-escuta 6**. [ago. 2019]. Pesquisadora: Leyla Menezes de Santana. Ilha das Flores, 2019. 1 arquivo. mp3. (00:50:01).

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Plano Editora, 2002.

BISPO, Ana. **Entre-escuta 3**. [out. 2018]. Pesquisadora: Leyla Menezes de Santana. Lagarto, 2018. 1 arquivo. mp3. (1:25:45).

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

DORNELES, Malvina do Amaral; ARENHALDT, Rafael. Disposições Ético-Estético-Afetivas na Pesquisa em Educação. In: FEITOSA, D. A. DORNELES, M. do A.

BERGAMASCHI, M. A. (Org.). **O sensível e a sensibilidade na pesquisa em educação**. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2016. p. 27-44.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 64 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

HALBWACKS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MASINI, Elcie F. Salzano. Enfoque fenomenológico de pesquisa em Educação. In: FAZENDA, Ivani (Org). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 2010. p.65-74.

NASCIMENTO, Lúcia. **Entre-escuta 2**. [out. 2018]. Pesquisadora: Leyla Menezes de Santana. Lagarto, 2018. 1 arquivo. mp3. (56:18).

PELOSO, Ranulfo. **Trabalho de base: seleção de roteiros organizados pelo Cepis**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

SILVA, Mônica. **Entre-escuta 1**. [set. 2018]. Pesquisadora: Leyla Menezes de Santana. Aracaju, 2018. 1 arquivo. mp3. (1:08:30).

SOUZA, Denise. **Entre-escuta 5**. [ago. 2019]. Pesquisadora: Leyla Menezes de Santana. Ilha das Flores, 2019. 1 arquivo. mp3. (1:04:00).

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VERA MARIA. **Entre-escuta 3**. [out. 2018]. Pesquisadora: Leyla Menezes de Santana. Lagarto, 2018. 1 arquivo. mp3. (1:15:45).

PALAVRAS-CHAVE: Educadoras populares. Entre-encontro. Pastoral da Criança. Pertencimento comunitário. Educação Popular.

[1] Organismo de Ação Social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), fundada em 1983, pela médica Zilda Arns Neumann (1934-2010), objetivando a promoção do desenvolvimento integral das crianças do ventre materno aos 6 (seis) anos, por meio de orientações básicas de saúde, nutrição, educação e cidadania, fundamentadas na mística cristã que une fé e vida. Em 1991, a Pastoral da Criança complementou suas ações básicas com o Projeto EJA, cujo objetivo era alfabetizar voluntários da instituição, bem como mães, pais e familiares das crianças acompanhadas.

[2] Nos inspiramos aqui nas ações básicas da Pastoral da Criança, pois a visita domiciliar (de porta em porta) é uma dessas ações. Mensalmente crianças e suas respectivas famílias são visitadas pelas/os líderes comunitárias/os. “Nas visitas, é preciso ouvir o que as pessoas da família têm a dizer e procurar ajudar com base nas necessidades delas. Sempre respeitando o que pensam e acreditam.”. (PASTORAL DA CRIANÇA, 2015, p.33).

[3] Os nomes das educadoras colaboradoras foram modificados para preservar a identidade, conforme prescrito no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os nomes foram substituídos por nomes de educadoras que foram autoras das histórias e testemunhos contados no livro “Histórias do Dia-a-Dia” (PASTORAL DA CRIANÇA, 2000) que fazia parte do material de leitura do Projeto EJA. A seleção dos nomes ocorreu de forma aleatória.

[4] Após o encerramento das atividades do Projeto EJA da Pastoral da Criança em 2011, esta efetivou uma parceria com o Programa Sergipe Alfabetizado, via Secretaria de Estado da Educação (SEED) e as alfabetizadoras que tiveram interesse seguiram atuando nas suas comunidades, assim como outras se integraram. Esta parceria seguiu vigente até ano de 2018, período em que ainda tivemos turmas de alfabetização.